

UMA INTERPRETAÇÃO DA CANÇÃO “O POETA ESTÁ VIVO”, A PARTIR DO CONTEXTO DE SUA CRIAÇÃO

Kamila Teixeira Crisóstomo (UENF)

kamila18bj@gmail.com

Diego de Almeida Lemos (UNESA)

lemosdiego1@hotmail.com

Leila Alves Vargas (UENF)

leilaavargas@gmail.com

Monique Teixeira Crisóstomo (UENF)

monikebj@gmail.com

1. Introdução

O período pós-moderno, ou contemporâneo, é marcado pela influência do capitalismo e por mudanças de pensamento social. O indivíduo deixa de ser visto como cidadão, tornando-se mero consumidor. Este trabalho faz um breve recorte histórico sobre o pós-modernismo, dando um enfoque especial na música. Será discutido o surgimento do rock no Brasil, bem como as influências norte americanas para a ascensão desse gênero no país. Além disso, relaciona as características desse gênero musical com o período no qual surgiu: a pós modernidade. A juventude estava sedenta por um novo tipo de música, que traduzissem a realidade social em que estavam inseridos. A partir daí, será feita uma análise da canção “O Poeta Está Vivo”, composta em 1988, a fim de comemorar a vida de Cazusa, que havia acabado de passar por uma séria crise decorrente de sua doença. Na canção, é possível encontrar as características do rock, bem como da sociedade pós-moderna. Para fazer essa interpretação, partiremos de uma visão geral sobre a linguística textual. Segundo a linguística textual, é necessário conhecer o contexto em que um texto foi escrito e isso se mostra evidente na compreensão da canção em questão.

2. A linguística textual

A linguística textual, está centrada na ideia de que um texto está

intimamente conectado ao contexto em que foi escrito. Partindo deste fato, analisaremos a letra da música canção “O Poeta Está Vivo”, composta por Dulce Quental e Roberto Frejat. Esta canção, bem ilustra a necessidade de se conhecer o contexto para compreender um texto.

De acordo com Anna Christina Bentes, (2006, p. 246), o desenvolvimento da linguística textual não foi homogêneo, passando por três fases bastante distintas: a análise transfrástica, a gramática de texto, e a teoria do texto. A linguística textual, estuda a coerência e coesão de um determinado texto, bem como sua compreensão, levando em consideração aspectos linguísticos, sociais e culturais.

Em consonância com Ingedore Grunfeld Villaça Koch (2006, p 14), a linguística textual não se trata de uma pesquisa da língua como sistema autônomo, mas sim da sua função. Segundo a autora,

o seu funcionamento nos processos comunicativos de uma sociedade concreta. Passam a interessar os “textos-em funções”. Isto é, os textos deixam de ser vistos como produtos acabados, que devem ser analisados sintática ou semanticamente, passando a ser considerados elementos constitutivos de uma atividade complexa, como instrumento de realização de intenções comunicativas e sociais do falante.

Assim, observa-se que um texto pode adquirir diferentes significados, dependendo do contexto em que é apresentado.

3. *Modernidade e pós-modernidade: uma transição*

O período histórico conhecido como *moderno*, está alicerçado na Revolução Industrial, Revolução Francesa e possui seus ideais baseados no iluminismo, no qual o uso da razão pode ser entendido como instância maior e mais importante.

Jussara Santos (2000) afirma que a ciência moderna é constituída por uma forma moderna de pensar, direcionada ao rigor científico. A compreensão do funcionamento das coisas, a ideia de mundo-máquina e o determinismo mecanicista eram vistos, na modernidade, como fenômenos capazes de explicar o real.

É nesse contexto que os pós-modernos encontram um fio condutor para disseminar suas ideias e ideais, criticando a modernidade. As diferenças de pensamentos são vastas e se aplicam em muitos campos: seja na ciência, na sociedade, na política, na cultura, na arte, entre outras.

Para Néstor García Canclini, a transição do mundo moderno para o mundo pós-moderno acontece no final do século passado, com a expansão dos meios de comunicação.

Além disso, outro fator marcante do período pós-moderno é o consumismo, influenciado pelo capitalismo. Segundo Bruno Thebaldi,

Nessas circunstâncias, as formas de consumo igualmente se viram transformadas. Sob a regência de estratégias transnacionais, nota-se a perda da relação dos objetos com sua origem territorial. Assim, não só a cultura se encontra “desenraizada”, mas também a produção (ou a montagem) e as maneiras de distribuição dos bens.

Zygmunt Bauman (1998), afirma que a ordem do mundo contemporâneo está alicerçada na transformação de indivíduos em consumidores e não em cidadãos. Para o autor, a necessidade de consumir na era contemporânea, torna-se uma das grandes responsáveis pela inclusão e consequentemente, exclusão social.

Ainda em consonância com Zygmunt Bauman, existem dois tipos de consumidores: os falhos e os plenos. Os plenos são aqueles que seguem a ordem capitalista vigente, ou seja, compram, gastam, utilizam bens em busca de bem-estar e felicidade. Já os falhos podem ser entendidos como aquela parcela da população que resiste a esse modelo capitalista, seja por opção ou por falta de capital para ser utilizado.

Vemos, portanto, uma transformação não apenas no campo da informação e no cultural, mas também nas relações de consumo em massa.

Outra grande crítica é atribuída ao período moderno são as meta-narrativas. É neste momento, que as narrativas menos abrangentes ou “mais simples” são priorizadas. Para Juremir Machado (2014), essas narrativas são visões de mundo que,

indicam um caminho para o futuro, um projeto utópico, é aquilo que é negado pela pós-modernidade. A falta da certeza nas grandes narrativas indica a impossibilidade de se prever o futuro com certeza filosófico-científica, portanto, o que nos resta é o presente. O presente precisa ser modificado e vivido, seja ele bom ou ruim.

Na música, um novo gênero musical ganha destaque no mundo contemporâneo: o rock.

4. Ascensão do rock no Brasil

Não se pode mencionar uma data precisa para o surgimento do rock no Brasil, entretanto acredita-se que a exibição do filme "No balanço das Horas", em 1957, pode ser entendido como "a porta de entrada para o rock no país".

A cantora Nora Ney, foi quem trouxe as primeiras manifestações do rock para o Brasil, ao gravar a música "*Rock Around the Clock*". Alguns ajustes foram feitos na melodia, a fim de se adequar ao público nacional. Segundo, Everton Luiz Loredo de Matos, 2012

Pouco tempo depois, o nome da canção foi modificado, procurando assim atingir o público nacional. "Ronda das Horas" (como foi chamada) foi a primeira versão de rock brasileira. É interessante notar que nada da letra foi modificado, porém a melodia e a instrumentação foram levemente mudadas com o intuito de agradar mais aos ouvidos dos brasileiros, incluindo sonoridades diferenciadas na mesma, como o acordeom.

Vale ressaltar que Nora Ney não era cantora de rock, mas o fato de ter gravado o primeiro rock no Brasil, tornou-a conhecida como pioneira do rock brasileiro.

Essa chegada foi fortemente influenciada pela cultura norte americana, através do rádio, cinema e até mesmo do modo de se vestir. O povo brasileiro adotou muitos atributos da cultura estadunidense. O consumismo, inerente à época, manifestou-se através da importação de produtos dos Estados Unidos. Conforme Paulo Sérgio do Carmo (2001, p. 31),

Na década de 50, a nossa classe média cada vez mais assimilava padrões de comportamento vindos de fora, e aqui também surge o novo rebelde influenciado pelo estilo de vida norte-americano popularizado através do cinema, e que exerceu influente papel na mudança de valores, hábitos e modos de agir dos jovens brasileiros.

Entretanto, pode-se dizer que até então, não existia um "rock brasileiro". O que existia era uma reprodução do rock americano, misturado com outros elementos musicais que já se manifestavam no país.

Uma segunda fase do rock no país é marcada pelo trabalho dos cantores Celly Campelo e Tony Campelo e de toda a Jovem Guarda. Essa época, artistas começaram a reproduzir alguns trabalhos de outros países e abordavam questões ligadas à liberdade de se vestir de forma "diferente" aos modelos até então propostos, comprar, namorar, saber dirigir, entre outras coisas.

Os irmãos Celly Campelo e Tony Campelo, no ano de 1958, tor-

naram-se um dos maiores ídolos da música brasileira, cantando "Forgive-Me" e "Handsome Boy", ambas escritas por compositores brasileiros, mas cantadas na língua inglesa.

Uma terceira fase está compreendida na década de 1980, na qual a música brasileira foi marcada, pela explosão do rock. Ele surge com muita intensidade diante da realidade social que se manifestava naquele momento histórico, impulsionado, sobretudo, pelos meios de comunicação.

O rock brasileiro, naqueles momentos iniciais da década de 80, passou a receber uma atenção relativamente intensa dos meios de comunicação. Em consonância com Therence Santiago Alves Feitosa, 2014

As bandas, passaram a ser divulgadas em revistas – algumas começam a dedicar seções exclusivas para as bandas –, em programas de televisão – alguns passaram a apresentar os novos artistas – e em rádio, começaram a inserir na programação músicas das diversas bandas que apareciam no momento. Essa grande atenção dada pela mídia, mais a identificação de uma boa parcela da juventude oitentista com as bandas, resultou em um grande e intenso fenômeno de massas.

Diante disso, faremos uma análise da canção "O Poeta Está Vivo", composta no ano de 1988, por um dos cantores mais conhecidos da época: Roberto Frejat e Dulce Quental. Para tal, levaremos em conta as características do rock e também do período no qual ela foi composta.

5. Uma interpretação da música “O Poeta Está Vivo”

A música “O Poeta está Vivo”, foi composta no ano de 1988, por Dulce Quental e Roberto Frejat. Possui um significado singular e, para muitos, desconhecido. A letra foi composta com o objetivo de fazer uma homenagem à vida de Cazuzza, que estivera à beira da morte, nos Estados Unidos, devido a complicações causadas pela AIDS. Portanto, sua composição foi, na verdade, uma forma de comemorar a volta de Cazuzza ao Brasil, após sobreviver a essa crise.

Entretanto, só foi lançada dois anos depois e nessa ocasião, Cazuzza já havia morrido. Assim, o significado da música mudou completamente, pois o que deveria ser uma comemoração pela vida tornou-se uma homenagem póstuma. A canção está entre as mais importantes na carreira da banda Barão Vermelho, da qual Roberto Frejat fazia parte e é muito solicitada pelos fãs de Cazuzza.

Abaixo, encontra-se a letra da música,

O Poeta Está Vivo

Baby, compra o jornal
E vem ver o sol
Ele continua a brilhar
Apesar de tanta barbaridade

Baby, escuta o galo cantar
A aurora dos nossos tempos
Não é hora de chorar
Amanheceu o pensamento

O poeta está vivo
Com seus moinhos de vento
A impulsionar
A grande roda da história

Mas quem tem coragem de ouvir
Amanheceu o pensamento
Que vai mudar o mundo
Com seus moinhos de vento

Se você não pode ser forte
Seja pelo menos humana
Quando o papa e seu rebanho chegar
Não tenha pena

Todo mundo é parecido
Quando sente dor
Mas nu e só ao meio dia
Só quem está pronto pro amor

O poeta não morreu
Foi ao inferno e voltou
Conheceu os jardins do Éden
E nos contou

Mas quem tem coragem de ouvir
Amanheceu o pensamento
Que vai mudar o mundo
Com seus moinhos de vento

Por meio de uma análise das entrelinhas, pode-se observar que seu significado está muito além do que pode parecer após uma leitura superficial, sem saber o contexto na qual foi escrita. Reúne características contemporâneas, elementos do rock e retrata o mundo em que estava se vivendo na época de sua composição.

Logo no primeiro verso da canção "Baby compra o jornal", observamos duas fortes características do mundo pós-moderno. Primeiro menciona o ato de comprar, visto que esta é uma época marcada pelo consumismo desenfreado, manipulado pela indústria de consumo, ou seja, o

compositor faz referência a um novo tipo de vida social, fortemente marcada pelo capital. Além disso faz-se alusão à “figura” do jornal: os meios de comunicação passaram a ser os propagadores desse novo gênero musical. Os artistas tanto criticavam os meios de comunicação – por tentar manipular o pensamento do povo, impulsionando-o para o consumo – quanto, por outro lado, se valiam deles para propagar suas composições.

Assim, na primeira estrofe temos:

Baby, compra o jornal
E vem ver o sol
Ele continua a brilhar
Apesar de tanta barbaridade.

Vemos acima, uma espécie de “grito” dada pelos compositores: Compre o jornal, mas saia das “jaulas” que lhes foram impostas sem que percebessem. Procure saber o que está acontecendo, de fato, na sociedade. Chamam o ouvinte, portanto, a ver que por trás da “prisão”, fortemente caracterizada pelo encantamento pela televisão e pelo consumismo, existe um sol que brilha lá fora, ou seja, existe uma vida real a ser vivida.

A segunda estrofe começa com o seguinte verso: “Baby escuta o galo cantar”, pode-se observar aqui, a intenção do autor em incentivar a vida e o viver intensamente. Cazuza estava ganhando mais um dia de vida e vivia cada dia intensamente. Assim, pode-se entender a intenção dos compositores em incentivar que todos aproveitem o dia que está nascendo; se há o hoje para viver para que preocupar-se com o futuro? Assim era o modo como Cazuza vivia: aproveitava ao máximo cada novo dia que lhe era dado, pensando no presente e aproveitando esse novo pensamento que surge a cada amanhecer para aplicar no hoje. Logo, cada nascer do sol é visto como um momento de renovação, com menos choro, menos lamentações e mais VIDA. Isso explica os versos abaixo, dando-lhes mais significado:

Baby, escuta o galo cantar
A aurora dos nossos tempos
Não é hora de chorar
Amanheceu o pensamento.

O poeta está vivo
com seus moinhos de vento,
a impulsionar
a grande roda da história.

Nesses versos, vemos destacado a figura do poeta dentro da soci-

idade. Os poetas, em sua maioria, são sonhadores. O que faz girar a grande roda, da criatividade, seria essa crença no imaginário. Cazusa, naquela fase de sua vida, era prova de que o “poeta” estava vivo, impulsionando sua vida com seus sonhos, ideias, imaginação e vontade de viver.

Mas quem tem coragem de ouvir,
amanheceu o pensamento
que vai mudar o mundo
com seus moinhos de vento.

Refere-se aqueles que tem ousadia para ouvir o novo, porém com capacidade crítica para avaliar aquilo que está ouvindo. Os versos chamam o ouvinte a assumir posturas transformadoras, abdicar dos pré-conceitos estabelecidos pela sociedade. Entretanto, surge a seguinte reflexão: será que todos estariam dispostos a ouvir o “novo” e assumir novas posturas? Ou seria mais cômodo ficar estagnados, ouvindo pacificamente aquilo que os meios de comunicação estavam impondo à sociedade? Percebe-se aqui, que está é uma questão muito atual, ainda que a letra fora escrita no final dos anos 80. É uma espécie de duelo no qual o indivíduo se vê diante de verdades prontas imposta pelo capitalismo e, na maioria das vezes, absorve essas falsas verdades por pura preguiça de pensar a respeito daquilo que está fazendo, de suas atitudes.

Se você não pode ser forte
Seja pelo menos humana...

Os versos acima, evidenciam a necessidade do ser humano se dar o direito de errar, ser fraco, se entregar, fazer aquilo que vai na contramão do que a sociedade impõe como certo. Enfim, o ser humano precisa permitir-se ser, de fato, humano sem se importar com a opinião alheia, mas sim com seu bem-estar e felicidade.

Quando o papa e seu rebanho chegar,
não tenha pena...

Vemos aqui, uma dura crítica à Igreja Católica e ao povo brasileiro que tem “mania” de sentir pena de uma pessoa só quando ela fica doente ou após sua morte. Cazusa era extremamente criticado pelo estilo de vida que levava: o sexo, as drogas, o álcool e o homossexualismo. Os princípios religiosos levavam grande parte da sociedade a criticá-lo, entretanto os versos revelam, em um tom um pouco áspero, que não fossem hipócritas: já que criticaram o cantor durante toda sua carreira, não venham dar uma de caridosos, demonstrando pena diante da enfermidade.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Todo mundo é parecido
Quando sente dor
Mas nu e só ao meio dia
Só quem está pronto pro amor.

A dor, quando vem, não escolhe bom ou ruim, rico ou pobre, homo ou heterossexual. Na hora da dor ou mesmo da morte, todas as pessoas tornam-se iguais. Cazuza, mesmo na dor física, mostrou-se muito forte, segundo Dulce Quental, algo que não é fácil, da mesma forma que não é fácil manter-se nu e só ao meu dia. Uma outra interpretação dada para estes versos, refere-se à necessidade de despir-se, ficar nu para amar verdadeiramente; despir-se do egoísmo, egocentrismo e individualismo, tão marcantes na pós modernidade. Observamos aqui a justaposição de dois sentimentos opostos: a dor, que torna todos iguais, e o amor que torna todos diferentes.

O poeta não morreu
Foi ao inferno e voltou
Conheceu os jardins do Éden
E nos contou...

Nos versos acima citados duas coisas nos chamam atenção na expressão “Foi ao inferno e voltou”. Primeiramente percebe-se que causa um impacto, ao relacionar a ideia de morte com inferno. A sociedade, principalmente, os católicos, geralmente atribuem à morte a ideia “ir para o céu” e os autores, nesse caso, com seu tom de rebeldia logo mencionam o inferno como destino para a morte. Além disso, podemos analisar por outro ângulo: Cazuza viveu, de fato, um verdadeiro inferno em vida, diante do sofrimento causado por sua doença. Ao mencionar que “Conheceu os jardins do Éden” os compositores fazem um paralelo à vida de Cazuza com o livro de *Gêneses*, no qual Adão e Eva comem o fruto proibido. A “vida loka” do cantor, marcada pelas drogas, pelo sexo, pela bebida e rebeldia – era vista, por muitos, como o pecado, a tentação, assim como em *Gêneses*. Temos, portanto, a relação profano/sagrado.

Assim, finaliza-se a interpretação da canção “O Poeta Está Vivo”, na qual pode-se perceber que possui muitas características inerentes ao rock e ao momento social e religiosos em que a sociedade estava inserida na época de sua composição.

6. Considerações finais

A contemporaneidade trouxe consigo, mudanças no campo cultu-

ral, político e social. No ponto de vista cultural, destacamos neste trabalho, o surgimento do rock, bem como suas características e origens.

Diante disto, percebemos que a letra da música “O Poeta Está Vivo” incorpora muitas características sociais da época, bem como as marcas desse gênero musical que surgiu na pós-modernidade: o rock.

Assim, “O Poeta Está Vivo” existiu em vários e diferentes momentos. Seu significado mudou de acordo com o contexto em que foi apresentado à sociedade: a canção chegou para o público como uma homenagem póstuma e não uma homenagem em vida, como era seu objetivo inicial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BENTES, Anna Christina. Linguística textual. In: MUSSALIM, Fernanda; _____. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2006.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

CARMO, Paulo Sérgio do. *Culturas da rebeldia: a juventude em questão*. São Paulo: SENAC, 2001.

FEITOSA, Therence Santiago Alves. Pop filosofia: pós-modernidade e a produção de sentidos nas letras da banda Titãs. *Revista Contemporânea*, ed. 24, 2014.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

LEONI. *Letra, música e outras conversas: diário de bordo*. Leoni (ex-Kid Abelha e Heróis da Resistência) entrevista 8 compositores: Renato Russo, Marina Lima, Herbert Vianna, Nando Reis, Adriana Calcanhoto, Lobão, Roberto Frejat e Samuel Rosa, que dão depoimentos sobre o processo criativo na composição. Rio de Janeiro: Gryphus, 1995.

MACHADO, Juremir. *O que é pós-modernidade?* Resumo de uma falência da modernidade. Maio de 2014. Disponível em: <http://colunastortas.com.br/2014/05/15/pos-modernidade>.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MATOS, Everton Luiz Lored de. *A trajetória histórica da improvisação no choro: um enfoque de configurações estilísticas e processos de hibridação cultural*. 2012. Dissertação (de mestrado). Universidade Federal de Goiás, Goiânia. Disponível em:

<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tde/2713/1/Dissertacao%20Everton%20L%20de%20Matos%20-%20pre%20textual.pdf>.

THEBALDI, Bruno. Ordem, consumo e rock and roll: a “Cidade do Rock” e o sonho da pureza urbana. *Revista Contemporânea*, Faculdade de Comunicação Social/UERJ, ed. 22, vol. 11, n. 2, 2013.